

PERSONAGENS AFRODESCENDENTES NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO: preconceito racial e intolerância?

AFRO-DESCENDENT CHARACTERS IN MONTEIRO LOBATO'S WORKS: racial prejudice and intolerance?

Francisca Leidiana de Souza¹ - IFRN
José Gerardo Bastos da Costa Júnior² - IFRN
Verônica Maria de Araújo Pontes³ - IFRN

RESUMO

Ensinar a importância do respeito à diversidade é fundamental no contexto escolar. Ao compreendermos que a escola é um espaço onde as diversidades socioeconômicas, étnicas e sexuais estão presentes, faz-se necessário que seja cultivada a aceitação e o respeito a essas diferenças. O objetivo desta pesquisa é discutir um possível preconceito racial para com os personagens afrodescendentes em algumas obras de Monteiro Lobato. Partindo de tal análise, passaremos a problematizar de que forma os professores poderão trabalhar em sala de aula alguns conteúdos considerados polêmicos, como o racismo para o público infantojuvenil. Para tanto, nos amparamos em algumas obras de Monteiro Lobato, em suas análises e discussões sobre elas. Dessa forma, mais do que sentenciarmos se as obras de Monteiro Lobato são ou não preconceituosas e racistas, concordamos que devemos analisá-las dentro do contexto em que foram escritas e tomar o cuidado com os estereótipos e as generalizações advindas de outra época histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Preconceito racial; Monteiro Lobato; História.

ABSTRACT

Teaching the importance of respecting diversity is fundamental in the school context. When we understand that the school is a space where socioeconomic, ethnic and sexual diversities are present, it is necessary to cultivate acceptance and respect for these differences. The aim of this research is to discuss a possible racial prejudice towards Afro-descendant characters in some works by Monteiro Lobato. Starting from this analysis, we will start to question how teachers can work in the classroom some content considered controversial, such as racism for children and teenagers. For this, we rely on the analysis of some works by Monteiro Lobato, as well as productions, analyzes and discussions about them. In this way, rather than ruling on whether Monteiro Lobato's works are prejudiced and racist or not, we agree that we must analyze them within the context in which they were written and be careful with stereotypes and generalizations from another historical era.

KEY WORDS: Children's literature; Racial prejudice; Monteiro Lobato; Story.

DOI: 10.21920/recei72022826560573
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72022826560573>

¹Doutoranda em educação. Graduada em pedagogia. E-mail: leidy_uertour@hotmail.com / ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4783-3731>.

²Mestre em ensino. Graduado em história. E-mail: gerardo.junior@ifrn.edu.br / ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8428-2281>.

³Doutora em educação. Graduada em pedagogia. E-mail: veronicauern@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2774-4491>.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo é o resultado de uma análise crítica em algumas obras de autoria de Monteiro Lobato que, embora destinadas ao público infanto-juvenil a linguagem do texto também é apropriada para adultos, sem a perda do fascínio dos jovens e das crianças pela história. Trata-se de obras literárias pautadas em aventuras vividas por crianças (Narizinho e Pedrinho), por uma boneca de pano (Emília), por um leitão (o Marquês de Rabicó) e por um sabugo de milho que possui o título de Visconde de Sabugosa. As crianças vivem em um sítio aos cuidados de duas senhoras: Dona Benta e Tia Nastácia. Há também outros personagens.

A escolha pela temática partiu, inicialmente, de um dos autores do artigo, em discussões problematizadas em sala de aula, no Curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, ministrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Campus Mossoró (IFRN/Mossoró), mais especificamente na disciplina Educação para a Diversidade.

Conforme as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, na área de estudo das Ciências Humanas e suas Tecnologias: “[...] Atualmente, o conjunto de preocupações que norteia o conhecimento histórico e suas relações com o ensino vivenciado na escola leva ao [...] respeito às diferenças culturais, [...] incentivando o respeito à diversidade; [...]” (BRASIL, 2006a, p. 79).

Consideramos a importância que os docentes precisam atentar a respeito das diferenças (socioeconômicas, étnicas e sexuais) presentes no cotidiano escolar e, a partir disso compreenderem a escola como um espaço que deve cultivar a aceitação e respeito às diferenças, conforme as orientações para uma educação para as relações étnico-raciais (BRASIL, 2006b).

Dessa forma, entendemos que partir de um autor brasileiro que em seus textos traz relações culturais e diferenças sociais, poderemos promover reflexões em torno da nossa terra, da nossa gente.

Assim foi que escolhemos Monteiro Lobato, autor consagrado na literatura infantil que vem marcar a diferença da infância e o mundo adulto e, como diz Miguez (2000, p.54): “Tudo começou com uma audaciosa tiragem de cinquenta mil e quinhentos exemplares da 1ª edição de *A menina do narizinho arrebitado*, em 1920.” Monteiro Lobato é tido como precursor em relação à obra literária destinada às crianças possibilitando uma compreensão inicial sobre a infância e seu interesse por uma leitura específica.

Além disso, Monteiro Lobato vem sendo alvo frequente de discussões por parte de alguns estudiosos, em especial nos últimos anos, então, realizamos um estudo bibliográfico em algumas de suas obras e em textos escritos e não-escritos publicados sobre uma possível presença de aspectos considerados racistas referente à figura da pessoa afrodescendente em suas histórias infantis.

Partindo dessas considerações, objetivamos analisar algumas obras de autoria de Monteiro Lobato no que diz respeito a um possível preconceito racial para com os personagens afrodescendentes, algo hoje tão discutido e necessário ao currículo escolar, tendo em vista a diversidade ser um tema atual e relevante no contexto em que vivemos. Por conseguinte, atentar para a necessidade de refletirmos, enquanto professores, a respeito das diversidades cada vez mais presentes no contexto social atual, que estão inseridas no espaço escolar, e discutir de que forma os professores poderão trabalhar conteúdos polêmicos (racismo, sexo, gênero) com o público infanto-juvenil em sala de aula.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, foi realizado um levantamento sobre a trajetória histórica de Monteiro Lobato. Na segunda, são apresentadas análises étnico-raciais nas obras do autor, a partir das produções pesquisadas e selecionadas referentes à essa temática.

TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE MONTEIRO LOBATO

Escritor, romancista e jornalista brasileiro, segundo Boldorini (2016), José Renato Monteiro Lobato, nasceu em Taubaté em 18 de abril de 1882, e faleceu em 4 de julho de 1948. O autor nasceu seis anos antes da assinatura da Lei Áurea que, em 13 de maio de 1888, libertou as pessoas escravizadas no Brasil. Em vista disso, a sua trajetória enquanto criança sofreu toda a influência do contexto de uma sociedade escravocrata, que olhava os afrodescendentes como seres inferiores.

O autor foi irmão de Judite e Ester. Parceiros nas brincadeiras de crianças, os três tinham o hábito de utilizar brinquedos rústicos “[...] feitos de sabugo de milho, chuchus e mamão verde” (DANTON, 2000, p. 6), sendo, talvez, nos primeiros anos de sua vida, as maiores influências para a criação dos personagens de suas obras infantis.

Alfabetizado pela mãe, a sua trajetória desde criança, é marcada pela admiração e dedicação a leitura de livros infantis, e também pela forte personalidade irônica e sincera que possuía (DANTON, 2000). Mais tarde, já na fase da mocidade, ao ingressar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, diplomando-se em 1904, realizou um discurso considerado um tanto quanto agressivo para a época, em que fez “[...] críticas à igreja e um prenúncio ao Socialismo como novos rumos para a sociedade” (SILVA, 2018, p. 24), resultando com que professores, padres e bispos se retirassem do local.

Lobato, possuidor de uma forte personalidade (DANTON, 2000), em um determinado período de sua vida, modificou o seu nome, pois possuía o desejo de utilizar a bengala que fora deixada pelo seu avô, na qual havia as iniciais do seu nome J. B. M. L. Dessa forma alterou o nome de Renato por Bento e Marcondes por Lobato, passando a se chamar por José Bento Monteiro Lobato (BOLDORINI, 2016). Posteriormente, casou-se com Maria Pureza da Natividade, em março de 1908, tendo quatro filhos.

Em 1911, Lobato recebe de herança a fazenda que fora do seu avô, deixando de ser promotor para desempenhar a função de fazendeiro. Devido a um vasto tempo de ócio na fazenda, foi nesta fase que o autor passou a escrever de forma mais frequente as suas obras. Na fazenda, por meio das atividades diárias, Monteiro Lobato, observador e crítico sobre os fatos, escreveu o artigo “Velha Praga”. Foi então, a partir desse artigo, que Danton (2000, p. 10) considera como o pontapé inicial para a carreira literária de Lobato:

Os caboclos tinham o costume de queimar a mata para fazer sua roça. O resultado eram grandes queimadas, que desgastavam a terra, tornando-a improdutiva em pouquíssimos anos. Lobato, que tinha o conhecimento do mal que as queimadas provocavam, ficou [...] injuriado, queria denunciá-los à polícia. - Não vale a pena. - explicou o capataz. São eleitores do governo e o patrão não arranja nada. - Não haverá ao menos um incendiário opositorista que possa pagar o pato? - Não vê? O caboclo é ali firme no governo justamente por amor ao fogo. Sem ter o que fazer, o fazendeiro mandou uma carta para a seção de queixas e reclamações d´O Estado de São Paulo. O jornal gostou tanto do artigo que resolveu publicá-lo fora da seção. Nascia o artigo *Velha Praga* (grifo dos autores).

A publicação do artigo supracitado permitiu ao autor o reconhecimento nacional. Entusiasmado com o sucesso que fora a publicação do seu artigo e, ocioso com a vida que levava na fazenda, Lobato, escreveu e publicou outros livros, estes destinados então ao público adulto (DANTON, 2000). A literatura adulta do autor está reunida em três obras de ficção. A primeira, *Urupês*, publicada em 1918, reúne doze contos sobre as cidades por onde passou, na qual deu surgimento a figura do Jeca Tatu, imortalizado até hoje na literatura brasileira. A segunda, *Cidades Mortas*, publicada em 1920, o autor relata a decadência que a região do Vale do Paraíba apresentava com a crise do café e, por último, *Negrinha*, publicada em 1920, que recebeu e ainda recebe diversas críticas e opiniões por alguns estudiosos por ser uma obra na qual revela uma doutrinação por parte do autor sobre os grupos minorizados - pessoas pretas e trabalhadores.

Entre suas obras infantis, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicado em 1921, foi uma das suas primeiras literaturas a chegar às bibliotecas das escolas. A obra permitiu ao autor, desenvolver o interesse para a criação de novas aventuras em torno da personagem Narizinho, rendendo, dessa forma, novas publicações. Dentre estas, algumas como *Ideias de Jeca Tatu e Fábulas*, editados em 1922; *O presidente negro*, em 1926; *Peter Pan*, em 1930; *Reinações de Narizinho*, em 1931; *Histórias de tia Nastácia*, em 1937; *O saci*, em 1938; *O Picapau Amarelo*, em 1939; *Memórias de Emília*, em 1939; foram as que receberam um maior destaque. Especificamente, a obra *Caçadas de Pedrinho*, embora tenham se passado quase 90 anos da data da sua publicação - 1933 - é alvo de frequentes discussões por ter sido considerada como uma obra que aborda a figura dos personagens afrodescendentes de forma pejorativa.

Nos nossos estudos sobre Lobato, há uma controvérsia referente à sua participação na Sociedade Eugênica de São Paulo, que levou a denúncia de que ele fosse eugenista. Feres Filho, Nascimento e Eisenberg (2013, p. 83), afirmam em seu artigo que “[...] não podemos deixar de mencionar que Lobato foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoentes da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Artur Neiva (1880-1943) [...]”.

No artigo *Censura e eugenia em História do Mundo para as Crianças*, de Monteiro Lobato (ABREU, 2014), a autora faz uma discussão sobre racismo e eugenia, concluindo que Monteiro Lobato era eugenista e não racista. Dessa forma, Abreu (2014, p. 130) definiu, historicizou e contextualizou o conceito de eugenia e de racismo:

A eugenia teve origem na Europa, particularmente na Inglaterra do final do século XIX e início do séc. XX. O termo foi criado por Francis Galton (1822-1911), mas os preceitos defendidos pelo movimento eugênico foram originados em várias teorias científicas posteriores à Revolução Industrial, teorias estas formuladas por Malthus, Spencer, Darwin, Mendel [...]. Pode-se definir *eugenia* como uma teoria do aperfeiçoamento da raça humana, bem como a aplicação dos seus métodos, com a finalidade de promover o progresso social e econômico das sociedades industrializadas (grifos dos autores).

Sobre a discussão acerca do racismo, ainda a autora Abreu (2014, p. 131, grifos nossos) relata que “apesar da forte correlação entre os termos, *eugenia* não é sinônimo de *racismo*”. Ela compreende que racismo pode ser conceituado como um conjunto teórico de pensamento a partir da hierarquização entre as raças e etnias, em que um grupo se considera superior aos demais. Assim como gregos e romanos chamavam de bárbaros, selvagens àqueles povos que não pertenciam às suas culturas. Além do sistema de castas ainda existente na sociedade indiana.

No entanto, Alves Filho (2016, p. 358) discorda e compreende que:

A *Sociedade Eugênica de São Paulo* [...] foi fundada pelo médico Renato Kehl em 25 de janeiro de 1918 tendo deixado de existir no ano seguinte quando mudou-se de São Paulo passando a residir no Rio de Janeiro. [...] teria sido Monteiro Lobato membro desta sociedade [...]. Provavelmente não. Consultei diversas fontes merecedoras de crédito e em nenhuma há referência segura ao fato de Lobato ter sido membro da *Sociedade Eugênica de São Paulo*. Também não encontrei em texto escrito pelo próprio qualquer referência a ter pertencido aos quadros de tal instituição. O mesmo pode ser dito em relação aos muitos textos de natureza biográficos que já foram escritos sobre Lobato. Conheço um bom número deles e nunca encontrei quem o dissesse pertencente de tal instituição. De onde saiu essa certeza de que Lobato foi membro da *Sociedade Eugênica de São Paulo*? Sei lá. (Grifo dos autores).

Dois dias antes de morrer, Monteiro Lobato concedeu uma entrevista à Rádio Record, encerrando a entrevista com a frase “O Petróleo é nosso”! O que demonstra o seu lado de ativista político e contrariando muitas vezes os interesses de setores dominantes. A repercussão dessa frase foi tamanha que Monteiro Lobato fora acusado de comunista e, por intermédio disso, em seguida foi censurado. Assim sendo, não poderia ser lido por católicos conforme explica Cortella em uma palestra⁴ concedida ao Canal do Cortella.

ANÁLISE ÉTNICO-RACIAL NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

Nas análises e nas discussões sobre as obras de Monteiro Lobato, deleitamo-nos de forma enfática sobre os livros *Caçadas de Pedrinho*, *Reinações de Narizinho*, *Histórias de Tia Anastácia*, e o conto *Negrinha*. A primeira obra citada foi e continua sendo alvo de debates no que diz respeito aos trechos considerados como preconceituosos em relação aos personagens afrodescendentes. Além dessa polêmica, a obra frisa alguns pontos passíveis de críticas sociais, entre estes, a caça das crianças a uma onça silvestre sendo hoje considerado como crime pelo Artigo 32 da Lei 9.605/1998 (BRASIL, 1998); e às críticas do autor efetuadas de forma cômica ao governo brasileiro sobre as tomadas de decisões frente aos problemas de cunho social – no segundo capítulo do livro.

A polêmica a respeito da obra *Caçadas de Pedrinho*, se iniciou quando a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) acatou, em 30 de junho de 2010, a solicitação encaminhada pela Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) que dizia respeito a uma denúncia feita à Ouvidoria da SEPPIR por Antônio Gomes da Costa Neto, servidor da Secretaria de Educação do Distrito Federal e mestrando da Universidade de Brasília (UnB) na área de relações internacionais, questionando a utilização, pela Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, de livro que veicularia preconceitos e estereótipos contra grupos étnico-raciais (FERES JÚNIOR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013). Em especial, o livro *Caçadas de Pedrinho*, escrito em 1933, por Monteiro Lobato, que teria passagens que incitam o preconceito contra as pessoas negras.

Ainda em 2010, a obra foi restringida e depois vetada. Meses depois, o Ministério da Educação (MEC) rejeitou o parecer do CEB/CNE e pediu revisão, sendo acatada. Porém, o Instituto de Advocacia Racial (IARA) levou o caso adiante. Também entre 2010 e 2014, uma intensa polêmica teve curso na grande mídia, quando o Supremo Tribunal Federal negou o

⁴ Para maiores informações conferir o link <https://www.youtube.com/watch?v=vaPVHe64cvc>

pedido de liminar contra a decisão do CNE, feito pelo IARA, e manteve o livro nas bibliotecas escolares.

Feres Júnior, Nascimento e Eisenberg, (2013, p. 73), explicam que o livro foi, inicialmente, recolhido das bibliotecas das escolas públicas pelo MEC. Porém, retornaria às escolas, após algumas recomendações feitas pelo Ministério da Educação-MEC:

- (a) treinamento de professores para lidar com o assunto;
- (b) reiteração dos critérios para seleção de livros do PNBE⁵; e
- (c) “inserção, no texto de apresentação das novas edições, de contextualização crítica do autor e da obra, a fim de informar o leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutem a presença de estereótipos na literatura, entre eles os raciais”.

Um fato interessante é que essa mesma obra que, nos últimos anos, vem sendo rejeitada por muitos educadores, sob a alegação de conter em seu texto conteúdo racista, foi uma “leitura recomendada ao público” pela Comissão de Literatura Infantil do MEC, em 1937, em pleno governo autoritário de Getúlio Vargas (ABREU, 2014).

Um outro aspecto um tanto quanto curioso e ao mesmo tempo relevante para ser discutido, o qual ocorreu de forma frequente na obra, foi a ênfase, em alguns trechos da história, que a personagem Emília dava ao tom da pele da personagem Tia Nastácia, que era afrodescendente. Não somente pela personagem Emília, a cor da pele de Tia Nastácia era o meio pelo qual o narrador do texto utilizava para se referir a mesma: “Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça e: o mundo está perdido sinhá” (LOBATO, 1933, p. 18).

É perceptível que por mais que já se houvesse passados 45 anos da abolição da escravatura no Brasil, o autor “inseriu” às pessoas negras nas suas obras, mas ainda manteve a figura destas como alguém que está naquele contexto para prestar servidão às pessoas de pele branca, pois ao se remeter a personagem Dona Benta, Tia Nastácia sempre utilizava a expressão “sinhá”.

Em outro momento da história, o autor diz: “a pobre negra era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados” (LOBATO, 1933, p. 45). É notória e evidente que o narrador/autor do texto, diferentemente para com os demais personagens, ao se referir à Tia Nastácia sempre busca destacar para os leitores que se trata de uma personagem de cor negra, pois não utiliza o nome da mesma, mas sim a cor conforme ainda verificamos nos trechos a seguir:

Qual, nada, Sinhá! – insistiu a negra, Lá isso é – resmungou a preta (p. 48).

Só então a pobre negra se convenceu de que tinha errado (p. 55).

[...] e tia Nastácia [...] trepou, que nem macaca de carvão (p. 55).

Emília [...] foi à cozinha e propôs o negócio à tia Nastácia. A negra, que estava depenando uma galinha [...] (p. 72).

Esse marquês dum figa está precisando, mas é de ir para o forno – dizia a preta (p. 80).

A negra, que nada sabia a respeito de rinocerontes [...] (p. 81)

A negra teve um faniquito dos de cair desmaiada no chão [...] desmaio de negra velha é dos mais rijos (p. 84).

- O tal de um chifre só na testa – respondeu a negra (p. 85).

⁵ Programa Nacional de Biblioteca na Escola.

É isso mesmo sinhá - tornou a preta (p. 101).
Para mim é boi - insistiu a negra (p. 106). (LOBATO, 1933).

Partindo da transcrição desses trechos, outro ponto também se torna relevante para ser destacado. Diferentemente das crianças da história, a boneca Emília possui uma forma de tratamento para com a Tia Nastácia, semelhante a forma abordada pelo autor da obra, a qual constantemente utiliza o tom da pele e, somado a isso, insiste em destilar comentários inconvenientes ao se referir a mesma: “- É guerra e das boas [...] não vai escapar ninguém nem tia Nastácia, que tem carne preta” (LOBATO, 1933, p. 30). “E você, pretura?” (LOBATO, 1933, p. 59).

Quanto a segunda “polêmica”, no capítulo I do livro, intitulado “E era onça mesmo!”, as crianças se deparam com uma brava aventura de capturar uma possível onça avistada pelo Marquês de Rabicó. O leitão, ao adentrar na mata em busca de comida, pensou ter se encontrado com um bicho que não era gato, mas que miava como um gato, e resolveu compartilhar com as crianças o ocorrido, o que logo despertou no bando uma grande curiosidade sobre a história.

Ao amanhecer, o bando saiu conforme o combinado, armados com espingarda caseira, faca de cortar pão, barril, espeto de assar frango e um canhãozinho feito de tubo de chaminé. Ao chegar ao local armaram uma emboscada para a onça e a mataram utilizando-se de cada instrumento que traziam.

Porém, algumas críticas se deram por parte de alguns estudiosos devido ao episódio, de que além de outros fatores, o livro faria alusão à caça de animais que são considerados em processo de extinção pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA. Mas o período da história fora relatado na década de 1930 e nessa época a onça-pintada ainda não era considerada como um dos mamíferos em extinção.

Além disso, seria inegável que a leitura destinada ao público infantil repercutisse de tal modo a causar influências de risco para com a espécie silvestre. Mesmo assim, com o intuito de que fosse amenizado os possíveis efeitos desse trecho sobre os atos dos leitores, a orientação do MEC é a de que seja necessário inserir uma nota de rodapé explicando ao leitor que se tratava de uma época em que a espécie ainda não estava ameaçada.

No que diz respeito a inserção das notas explicativas nos textos de Monteiro Lobato, em uma entrevista para a Univesp TV, a autora e especialista em Lobato, Marisa Lajolo, ao discutir sobre as obras e polêmicas do autor, considerou que “A ideia de que a leitura precisa ser gerenciada por notas de rodapé e advertências é contraproducente. Ela sugere a ideia de leitor como alguém absolutamente incapaz de entender um livro” (RACISMO..., 2012).

A autora ainda discute a importância que está sendo dada às “polêmicas” que a escrita de Monteiro Lobato tem desencadeado na atual sociedade e acrescenta que a mesma importância tem sido despercebida para com outros autores também considerados importantes para a cultura brasileira, mas que se nos deleitarmos mais a fundo perceberemos que alguns romances também estão envoltos por questões que hoje também são considerados polêmicos - machismo, relações abusivas entre casais. Tal reflexão nos leva a compreender sobre a importância de contextualizar os fatos e os textos.

Nessa mesma linha de raciocínio, em uma palestra divulgada no Canal do Cortella, o professor Mario Sergio Cortella narra uma realidade vivenciada por ele em uma época na qual o mesmo fora Secretário de Educação de São Paulo. Nesta fala, o professor diz a seguinte frase: “Naquele momento me deu uma coisa equivocada, uma raiva imensa do Monteiro Lobato. Por que equivocada? Porque ele tava no seu tempo, no seu momento” (RAIVA..., 2019).

Cortella acrescenta ainda que a intenção de culpar ou cobrar algo de Monteiro Lobato como uma forma de legitimar os direitos das pessoas afrodescendentes se torna um tanto quanto

confusa, já que o escritor literário escreveu as suas obras em um contexto no qual as pessoas negras ainda se encontravam em posições secundárias. Cortella faz um paralelo entre Monteiro Lobato e Aristóteles e complementa:

Seria a mesma coisa que eu dizer que Aristóteles era machista. Porque lá na sua obra política, há 2.500,00 anos ele disse que as fêmeas sempre são secundárias. Não posso dizer agora que Aristóteles era machista, eu posso dizer de mim se eu escrever hoje isso, mas não posso falar de Aristóteles porque ele estava na sua época (RAIVA..., 2019).

Essa correlação entre Monteiro Lobato e Aristóteles feita por Cortella serve para nos inquietar a respeito da necessidade sobre o contexto das coisas e dos fatos e quão significativo é compreender que a reprodução de tais posturas do passado, se feitas nos dias de hoje, essas sim seriam atitudes equivocadas já que estamos vivendo em outro momento e em outra época. De tal modo, é imprescindível destacar que ao final da história do livro *Caçadas de Pedrinho*, a personagem tia Nastácia expressa: “Agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá” (LOBATO, 1933, p. 114).

As palavras da personagem são proferidas quando ela se coloca em frente a posição de Dona Benta dentro de um carrinho puxado por um rinoceronte, em umas das brincadeiras das crianças no sítio. Tal fala, nos leva a considerá-la como um ato de reivindicação quanto aos direitos de igualdade social das pessoas afrodescendentes. Assim, conjecturamos: seria essa uma forma de inserir as pessoas negras na sociedade que o autor Monteiro Lobato considerou como ideal? Diante de tantas falas, nas quais as características físicas da personagem afrodescendente estiveram em evidência, a frase final da obra *Caçadas de Pedrinho* passaria de forma imperceptível? Teríamos a resposta para tais inquietações?

Partindo de tais discussões e mediante a observação das referidas recomendações do MEC, compreendemos ser forçoso a necessidade de uma atualização pedagógica com os educadores, referente às formas como poderão construir estratégias de aprendizagem importantes para o debate com as crianças e os jovens educandos, no momento em que forem desenvolver os estudos de obras literárias. Em especial, àquelas que pertencem a outras épocas e contextos históricos.

Em “Histórias de Tia Nastácia”, obra publicada originalmente em 1937, Lobato registra uma visão sobre os negros a partir do grau de escolaridade considerada pelas crianças do sítio abaixo do comum no instante em Emília comenta: “[...] - pois cá comigo - disse Emília - só aturo essas histórias como estudos de ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras - coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto.” (LOBATO, 1995, p. 24).

Acerca dos “xingamentos” proferidos pela boneca Emília, Lajolo explica: “A Emília xingava tia Nastácia o tempo inteiro de negra beijuda, ou seja, isto acabou no Brasil? Ou você continua achando que chamar uma negra de beijuda é uma coisa legítima? Acho ótimo discutir isso e não excluir da história”.

Dessa forma, fica explícito que para Lajolo não será extraído os possíveis preconceitos das obras literárias que resolveremos, por exemplo, a questão do racismo que possivelmente é algo intrínseco à estrutura da sociedade brasileira.

Ao se mencionar a personagem de Tia Nastácia a partir das características presentes nos povos negros, Monteiro Lobato parece se referir a esses povos como se fossem animais, no instante em que ele coloca na obra *Reinações de Narizinho* a explicação da boneca sobre a diferença entre gente e boi no momento em que o personagem de Pedrinho fala sobre o quanto

é delicioso comer “melado com rapadura” e acrescenta que o doce é tão gostoso que é de “lamber os beijos” (LOBATO, 1931, p. 28), porém a boneca o corrigiu prontamente dizendo que o correto é falar lábios e não beijos, pois quem tem beijo é boi e gente tem lábios.

No mesmo livro, o autor fala da personagem Narizinho diz:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. – que não seja boba e venha – disse Narizinho. – eu dou uma explicação ao respeitável público. Afinal as duas velhas apareceram – dona Benta no vestido de gorgorão, e Nastácia num que Dona Benta lhe havia emprestado. Narizinho achou conveniente fazer a apresentação de ambas por haver ali muita gente que as desconhecia [...] – Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta, [...] a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura (LOBATO, 1931, p. 76).

Outrossim, no conto Negrinha, escrito em 1920, também há passagens intrigantes em que uma criança negra, personagem principal que não é identificada pela personagem branca (D. Inácia) como humana, mas sim como um objeto que, em determinadas situações, assume posições próximas a de animais e é utilizada como uma espécie de subterfúgio para as situações de raiva e de excitação.

A seguir, alguns trechos do conto Negrinha explicitam essa relação entre as personagens:

[...]

Excelente senhora, a patroa [Dona Inácia]. Gorda, rica, dona do mundo, animada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – ‘dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral’, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança

[...]

Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão.

[...]

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se

descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau.

Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! ‘Qualquer coisinha’: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: ‘Como é ruim, a sinhá!’...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis.

[...]

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para ‘doer fino’ nada melhor!

[...]

[Negrinha] Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal pesados...

[...] (LOBATO, 2008, p. 24-25 e 29).

Os maus tratos e a banalidade de tais atos sofridos pela criança podem ser entendidos como resquícios do regime escravocrata que fora abolido em 1888, no dia 13 de maio, referência feita no conto. Contextualizando a personagem, D. Inácia incorporaria o pensamento conservador da virada do século XIX para o XX que relutava em aceitar a libertação dos escravizados, inconformada com uma possível igualdade entre brancos e negros.

Em meio às referidas polêmicas, para Lajolo, “A grande forma de discutir Lobato hoje é lê Lobato do jeito que ele escreveu”. Dessa forma, a autora defende que “[...] apagar esses rastros de preconceito na cultura brasileira é desqualificar toda a luta política dos negros. [...] como teria sido transformar todas aquelas mulheres objeto da literatura do século XIX em mulheres independentes” (RACISMO..., 2019).

Outro aspecto a ser destacado em meio a essas discussões, deve ser o de compreender de que forma o público infantil encara e pensa sobre o tema, já que as obras que estão sendo analisadas nesta pesquisa são destinadas a este público. Desse modo, sinalizamos que seja necessário ouvir a voz desses leitores.

Em uma pesquisa, intitulada de “Há racismo na obra lobatiana?”, Nascimento (2014) desenvolve um relato sobre uma experiência realizada com doze sujeitos – todos estes estudantes com a faixa etária entre oito e nove anos de idade – em uma turma do 3º ano do ensino fundamental I, da Escola de Ensino Fundamental Santa Izabel, em Campina Grande. A pesquisa foi desenvolvida sobre o comportamento dos discentes “[...] no momento da leitura do livro *Caçadas de Pedrinho* – que fora sorteado anteriormente – e da reescrita de alguns trechos que apresentaram alguma inquietação no momento da narrativa” (NASCIMENTO, 2014, p. 17).

A autora esclarece que, em um dado momento da leitura, foi perceptível a reação contrária de duas crianças afrodescendentes, pois as mesmas se encolhiam e se sentiam envergonhados em certos trechos da história. Nascimento (2014) também relata que com a experiência vivenciada, passou a observar a reação das mesmas crianças e se estas apresentavam aspectos excludentes devido à semelhança com a personagem Tia Anastácia, que era chamada na história de carne preta e de macaca de carvão.

Dando prosseguimento ao relato de impressões, Nascimento (2014, p. 19) percebia que as duas crianças negras “[...] continuavam se encolhendo a cada palavra que se referia à negritude. Eles se encolhiam como se quisessem se esconder [...] e que ninguém percebesse sua semelhança com de cor com a cor da personagem Tia Anastácia”. A autora afirma que as crianças apresentavam sinais de constrangimento a cada frase de ofensa ao negro lida.

Ao término da leitura do livro, Nascimento (2014) relata que interrogou a turma sobre a percepção deles sobre a história. Para a surpresa dela, duas crianças de pele clara afirmaram que havia trechos racistas na história. Pensando em trabalhar sobre tal polêmica gerada em sala de aula, a autora sugeriu que as crianças reescrevessem a história a partir da visão delas com os dias atuais. Ao reescreverem algumas partes do livro, tanto os estudantes negros como os brancos mudaram as palavras e as expressões consideradas como racistas que os incomodavam.

Ao final da pesquisa e relato, Nascimento (2014, p. 21) conclui que “[...] tais expressões citadas no livro são frutos de uma época escravista a qual Lobato vivia. Sendo assim, o contexto histórico da época tinha que se fazer presente de uma forma ou outra nas obras escritas por Lobato ou por qualquer outro autor do período em questão”.

Em uma entrevista para a *Globo News Literatura*, Marisa Lajolo, ao ser interrogada se Monteiro Lobato era racista, a autora responde: “Eu acho que sim. Acho que como todo brasileiro ele tinha interiorizado todos os preconceitos que a nossa sociedade até hoje tem, mas ele sabia disso e lutava bravamente para tentar atenuar os efeitos que isso pudesse ter na sua ficção” (MARISA..., 2015). Lajolo ainda destaca a frase final da obra *Caçadas de Pedrinho* - quando tia Nastácia fala que negro também é gente - e complementa que a frase final foi uma forma de dar voz e vez às pessoas negras: “[...] ela falando o que precisa ser dito” (MARISA..., 2015), complementa a autora.

Uma característica importante a ser observada é o que pensam as pessoas negras sobre a questão do racismo em Monteiro Lobato? Encontramos apenas um dado que toca transversalmente o assunto. Na seção Radar, a *Revista Veja*, datada de 18/01/2012, apresenta uma pesquisa realizada pela Biblioteca Nacional com 80 pessoas negras que frequentam bibliotecas públicas em todo país, mostrando que Lobato continua sendo o autor brasileiro preferido dos entrevistados, seguido por Paulo Coelho e Jorge Amado. Ou seja, essa informação é escassa para se chegar a alguma análise conclusiva.

No entanto, é válido frisar que mesmo com todas as “polêmicas” geradas em seus textos literários e, por mais que a sua própria personalidade tenha sido posta também em análise, o escritor Monteiro Lobato, contribuiu e ainda contribui para o desenvolvimento imaginário e a apreciação do público infanto-juvenil pelas suas histórias, como também o quão tem sido válido

trabalhar seus escritos em sala de aula tendo em vista os diversos temas tratados em seus escritos e a forma como leva ao encantamento da leitura por esse público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, toda essa controvérsia sobre o preconceito nas obras de Monteiro Lobato não seria uma polêmica anacrônica? Em sua obra *O Campo da História*, o historiador brasileiro, José D'Assunção Barros, define o conceito de anacronismo, chamando a atenção para que se evite “[...] projetar categorias de pensamento que são só suas e dos homens de sua época nas mentes das pessoas de determinada sociedade ou de um determinado período” (BARROS, 2010, p. 53).

As discussões presentes sobre as obras de Monteiro Lobato se referem a uma época em que o preconceito racial ainda não era abordado como percebemos na educação contemporânea. Remeter-se à pessoa negra apenas pelas suas características físicas em que era banalizado na sociedade de tal forma que o próprio negro se enquadrava à tal menção sem se atentar – ou não – a uma possível violência verbal.

Dessa forma, inferimos que mais do que sentenciarmos se as obras de Monteiro Lobato são ou não preconceituosas e racistas, concordamos que devemos analisá-las dentro do contexto em que foram escritas e tomar o cuidado com os estereótipos e as generalizações advindas de outra época histórica, pois, atualmente, com o avanço das conquistas dos direitos de cidadania, no mundo ocidental, determinados conceitos raciais e étnicos, que antes eram aceitos de forma “natural”, agora são percebidos como construções históricas que serviram aos interesses classistas de certas parcelas das elites políticas, econômicas, sociais e culturais.

Educar para as diversidades é uma realidade que o professor vivenciará na sociedade hodierna em que os valores e as questões identitárias e de cidadania estão sendo mais evidenciadas em nosso cotidiano, e exigindo a inclusão social e a igualdade para todos. Ao se falar em “todos”, o que se busca é tornar possível o direito à educação sem restringir nenhum indivíduo e/ou grupo social, seja este por raça/etnia, gênero, deficiência ou com um menor poder aquisitivo.

Sendo assim, é imprescindível que o papel do educador, ao trabalhar temas polêmicos para a o público infantil, ainda mais no currículo escolar, seja o de apresentar e de contextualizar o período da publicação do livro, as modificações no modo de organização social que foram ocorrendo da referida época até a atual, e dentre outras considerações, perceber a posicionamento do estudante sobre a leitura feita em sala de aula, pois, na medida em que estiver sendo desenvolvida a prática de ensino, o professor irá perceber as diferentes formas de expressão sobre os temas trabalhados e, dessa forma, faz-se necessário que seja feito um paralelo, sem que haja exclusão, desrespeito, e intolerância sobre as múltiplas etnias. Para que isso possa acontecer, os educadores e educadoras necessitam de uma melhor formação inicial e continuada do seu fazer pedagógico já tão indicada pelos teóricos da educação.

Assim, formar leitores para a vida, pensando e refletindo sobre o cotidiano dos personagens explorados pelo autor na obra literária, faz com que percebamos a importância da presença da literatura no dia a dia da criança, e de diversos gêneros pois só assim a criança terá oportunidades de se identificar com personagens, enredos, contextos, culturas, e então sentir o prazer do texto, o prazer de ler, o prazer e encantamento que a obra literária promove possibilitando sonhar, despertar o imaginário e conseqüente capaz de forma opiniões e participar ativamente do contexto em que vive, objetivo tão almejado pela escola em seu processo de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T. Censura e eugenia em História do Mundo para as Crianças, de Monteiro Lobato. *Revista Digital*. n. 6, p. 122-136, dez. 2014.
- ALVES FILHO, A. O racismo em Monteiro Lobato, segundo leituras de afogadilho. **Passagens**. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 355-407, ago. 2016.
- BARROS, J. D'A. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 6. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.
- BOLDORINI, M. G; MORAES, T. M. R. Monteiro Lobato: racista ou retratista de seu tempo? *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 05, n. 01, p. 195-216, jun. 2016.
- BRASIL. **Lei nº 9.605**, de 12 de Fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm>. Acesso em: 04 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Ciências Humanas e suas Tecnologias**. v. 03, Brasília: Ministério da Educação, 2006a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006b.
- DANTON, G. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Francisco Pará de Minas/MG: VirtualBooks Editora: 2000. Disponível em: <<https://cejla.files.wordpress.com/2011/04/gian-danton-monteiro-lobato-vida-e-obra.pdf>> Acesso em: 04 dez. 2016.
- FERES JÚNIOR, J; NASCIMENTO, L. F; EISENBERG, Z. W. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**. v. 56, n. 1, p. 69-108, 2013.
- LOBATO, M. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Ed. Nacional, 1933.
- LOBATO, M. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Ed. Nacional. 32. ed. 1995.
- LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Ed. Nacional, 1931.
- LOBATO, M. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008.

MARISA Lajolo no Globo News Literatura. Por Marisa Lajolo. São Paulo, 2015. 1 vídeo (8:10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jIuXWzX0dNQ>. Acesso em: 13 jul. 2020.

NASCIMENTO, A. R. **Há racismo na obra lobatiana?** Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Centro de Educação, Campina Grande/PB, 2014.

RACISMO na obra de Monteiro Lobato. Por Marisa Lajolo. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (3:05 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zpTRzRT4DOg>. Acesso em: 13 jul. 2020

RACISMO em Monteiro Lobato. Por Marisa Lajolo. São Paulo, 2012. 1 vídeo (13:35 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fn1mlfq7Kls>. Acesso em: 13 jul. 2020.

RAIVA de Monteiro Lobato. Por Mário Sérgio Cortella. São Paulo, 2019. 1 vídeo (13:11 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vaPVHe64cvc>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SILVA, M. P. **O americanismo de Monteiro Lobato: análise dos livros “Mister Slang e o Brasil” e “América”.** 2018, 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas/SP, 2018.

Submetido em: janeiro de 2022

Aprovado em: maio de 2022